

A ECONOMIA SOLIDÁRIA E A LUTA POR UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DA LÓGICA DO CAPITAL

Autora: Juscilene da Conceição Barbosa

*Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.
Pesquisadora do Grupo de Pesquisa: Cultura Científica e Produção de Conhecimentos Educacionais
E-mail: juscileneceb@yahoo.com.br*

Orientador: Prof. Dr. Antonio Paulino de Sousa

*Doutor em Sociologia e em Ciências Econômicas e Sociais. Professor da Universidade Federal do Maranhão –UFMA.
Coordenador do Grupo de Pesquisa: Cultura Científica e Produção de Conhecimentos Educacionais
E-mail: antonio.paulino@terra.com.br*

RESUMO:

Este trabalho discute a relação entre educação e Economia Solidária a partir da análise de duas experiências de construção do conhecimento em economia solidária. Essas experiências tanto denunciam uma educação institucionalizada posta à serviço do capital e da manutenção de uma sociedade de desigualdades marcantes, quanto as possibilidades de uma reinvenção da educação e da escola, que livre das imposições que contribuem para a manutenção desse sistema, passe a alimentar os valores de uma economia pautada na solidariedade. A análise deste trabalho foi construída a partir dos estudos dos materiais da experiência do curso de especialização EJAECOSOL da Universidade Federal de Campo Grande – UFCG, na Paraíba e do curso de Formação de Formadores em Economia Solidária do Centro de Formação de Formadores em Economia Solidária do Nordeste, coordenado pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Palavras-Chave: Economia Solidária. Educação Popular. Capital.

A Economia Solidária é um fenômeno em crescimento que ocupa cada vez mais espaço nas agendas políticas de diferentes governos em diversos países do mundo. Na América Latina e, de forma bem particular, no Brasil, a Economia Solidária tem sido demarcada por um jeito próprio de se construir tanto como movimento em crescente articulação, quanto como política pública.

Indica um conjunto de atividades de produção, de finanças e de consumo, de trocas e de comercialização que assumem formas organizativas como cooperativas, associações, grupos informais, empresas recuperadas e redes de colaboração. Essas organizações chamadas de Empreendimentos de Economia Solidária, diferenciam-se dos empreendimentos capitalistas, de acordo com Singer (2002), por orientar-se pelos valores e da autogestão, da cooperação, da solidariedade numa outra perspectiva para o trabalho e o desenvolvimento.

Essas iniciativas e suas articulações tem despertado o interesse e as reflexões acadêmicas em torno desse fenômeno, especialmente nas áreas das Ciências Sociais e da Educação.

No caso da Educação, o debate da Economia Solidária tem crescido tanto no meio de estudiosos que desenvolvem pesquisas e que fazem avançar o debate da economia solidária nos

Trabalho vinculado ao Grupo de Pesquisa Cultura Científica e Produção de Conhecimentos Educacionais do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

espaços formais de educação, quanto da articulação das experiências de economia solidária que tem reivindicado outra matriz pedagógica para orientar outros processos educativos.

A Economia Solidária, como está expresso no documento final da Conferência Temática de Economia Solidária, Educação e Autogestão (2014), reivindica uma política de educação em economia solidária que tenha como referência metodológica os princípios e valores da Economia Solidária, e os fundamentos, práticas e metodologias da Educação Popular.

Este trabalho, ao abordar acerca das relações entre a educação e a economia solidária, está no bojo dos estudos da dissertação de mestrado da autora. Resulta do levantamento que está sendo realizado de experiências marcantes de educação em economia solidária no Nordeste.

Para o limite deste trabalho, optou-se por refletir duas experiências de educação em economia solidária, que apontam a firme intencionalidade de construir outras referências para a educação, e revigoram, ao mesmo tempo, a educação popular.

Uma experiência reflete aquela articulação de estudiosas/os que se debruçam acerca das relações entre economia solidária e educação: O curso EJAECOSOL, uma especialização realizada pela Universidade Federal de Campo Grande, na Paraíba. A segunda experiência, o Curso de Formação de Formadores em Economia Solidária do Nordeste, coordenada pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Economia Solidária e a educação não mercantilista

No Brasil, as concepções de Economia Solidária começam a ganhar força em meio às grandes recessões provocadas pelas políticas neoliberais da década de 1990. Ganhou visibilidade nacional e internacional após os Fóruns Social Mundial de 2001 e 2005, os dois na cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul, que reunindo movimentos sociais, redes, ONGS, universidades e outras organizações do nível local ao internacional, realizaram o debate democrática de ideias e de troca de experiências pela construção de um outro mundo. Os lemas do fórum: “Um outro mundo é possível e uma outra economia já acontece”, deram relevância à economia solidária no Brasil e possibilitou sua organização como movimento articulado.

Entre as concepções, uma das mais difundidas é de Paul Singer (2002), que reconhece a economia solidária como uma forma de produzir, consumir, trocar, comercializar e garantir as condições de reprodução da vida com base na cooperação e na autogestão, sendo os meios de produção de propriedade das trabalhadoras e dos trabalhadores.

O Fórum Brasileiro de Economia Solidária – FBES, define a economia solidária como autogestionária e cooperativa, princípios que lhe confere uma identidade. De acordo com o relatório final da V Plenária Nacional de Economia Solidária (2013), declara romper, na sua concepção e prática, com aquilo que é a espinha dorsal do sistema de produção capitalista: a propriedade privada dos meios de produção e, com isso, as relações de subordinação do trabalho ao capital.

Para Gaiger (2004, p.8) a econômica solidária “visa colocar em seu benefício [dos trabalhadores] a capacidade de trabalho que possuem, em lugar de aliená-la como instrumento de seu próprio jugo, assim instaurando as bases de uma economia de trabalho”[...].

Mas, se a lógica do capital, que tem na competição, na exploração pelo lucro e no individualismo seus fundamentos, transformou a educação institucionalizada, como afirma Mészáros (2008, p. 44) em uma parte do sistema global de internalização “dos princípios reprodutivos orientadores dominantes na própria sociedade, adequados a sua posição na ordem sociais, e de acordo com as tarefas reprodutivas que lhes foram atribuídas’, a lógica de uma economia da solidariedade requer outros processos de educação, outras escolas.

Uma economia de solidariedade só pode ser afirmada como possibilidade real concomitante a um projeto de emancipação da construção do saber. Esta construção precisa se dar, como afirma Mészáros (2008), para além dos limites impostos pelo capital. Nesse sentido, a economia solidária vê na educação popular uma via poderosa para que trabalhadores/as, oprimidos/as por essa ordem, possam construir conhecimentos que contribuam para interpretar e ultrapassar os próprios parâmetros de análise que o sistema de mercado coloca para a educação.

Em Mészáros (2008), há uma defesa contundente da educação como direito de todos, mas como um direito que gere liberdade e não aprisionamento aos ditames do capital. É essa educação alienante um dos grandes pilares de manutenção da ordem vigente e da sempre renovada reprodução das condições de produção capitalista. Para Mészáros, “é por isso que é necessário *romper com a lógica do capital* se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente (2008, p. 27, grifo do autor).

Nesta perspectiva, refletir sobre as experiências de educação animados pela ideia e as práticas de uma economia da solidariedade tem um caráter político extremamente importante, o de compreender como se constrói, no interior das lutas sociais, uma educação que desafia a lógica educacional vigente sob o domínio do capital, voltada, como analisa Mészáros (2008, p.35), para “fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema do

capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes, como se não pudesse haver nenhuma alternativa à gestão da sociedade [...]”.

Educação em Economia Solidária: as potencialidades que as experiências apontam

A estreita relação entre educação e economia solidária se torna mais evidente, quando se analisa, a exemplo de Mészáros (2008, p. 25) que “os processos educacionais e os processos sociais mais abrangentes de reprodução estão intimamente ligados”. Assim, analisar as experiências de educação no interior das práticas de Economia Solidária, implica compreender como e se esses processos educativos contribuem para a construção e afirmação de uma economia da solidariedade.

A experiência do curso EJAECOSOL, especialização realizada pela Universidade Federal de Campo Grande, na Paraíba, no ano de 2013, teve como objetivo “promover a integração dos conhecimentos e práticas da Economia Solidária na Educação de Jovens e Adultos, na Paraíba [...]” (MORAIS, 2015, P. 9). O curso construiu uma matriz de construção do conhecimento em economia solidária a partir das diferentes experiências de trabalho associado em sete municípios da Paraíba nos quais o curso de especialização foi estendido.

A dinâmica do curso possibilitou que os profissionais que atuam na EJA, conhecessem, convivessem, estudassem e sistematizassem conhecimentos a partir destas experiências em curso, resultando em uma coletânea de artigos que em sete volumes (correspondentes aos sete municípios) visibilizam, discutem, demonstram a existência de outros processos produtivos, baseados no trabalho associado, solidário, mesmo ainda sendo funcionais ao capital, por se constituir por dentro desse sistema.

Mas, os relatos da riqueza das experiências de uma economia baseada na solidariedade, demonstraram a existência de outros processos de educação paralelos à educação formal, que conseguem tanto lutar por uma transformação da educação e da escola, quanto manter viva aquilo que foi ressaltado por Mészáros (2008) e Paulo Freire (1992), de que a aprendizagem é a própria vida. Outro resultado é a ampliação do campo de visão e de concepção de mundo, de trabalho e de educação dos participantes da experiência.

Na outra experiência analisada, o Curso de Formação de Formadores em Economia Solidária do Nordeste, da qual a autora deste trabalho participou como cursista, também partiu de uma matriz de construção do conhecimento a partir das reais possibilidades de uma economia da solidariedade nas práticas e nas vivências dos grupos econômicos solidários no território nordestino. Teve sua proposta pedagógica construída pelos Fóruns de Economia Solidária dos nove estados do

Trabalho vinculado ao Grupo de Pesquisa Cultura Científica e Produção de Conhecimentos Educacionais do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão - UFMA.

Nordeste e suas atividades foram direcionadas, prioritariamente, para trabalhadores e trabalhadoras dos grupos econômicos solidários e agentes das organizações de apoio da economia solidária.

Com o objetivo de intercambiar saberes entre as/os educadoras/es com vistas à sistematização de experiências e o aprofundamento da pedagogia da autogestão na ação educativa, o curso orientou o “olhar” para as outras os processos de educação que se estabelecem justamente nas práticas dos sujeitos coletivos que assumem a luta para reverter a lógica do capitalismo. Pensar como em Mészáros (2007), que o próprio capital estabelece os limites para a produção do conhecimento às diferentes classes sociais como forma de garantir que não se altere as condições que garantem a perpetuação do modo de produção do capital, dá um sentido maior aos processos de educação popular dos e nos movimentos sociais, nas escolas, na EJA.

Os resultados do curso foram percebidos, especialmente, nos processos de revigoração da educação popular, na criação de novas metodologias no trabalho popular a partir da economia solidária. Os relatos revelaram a capacidade criativa dos formadores em formação de criar estratégias de produção do conhecimento a partir das experiências da vida, do vivido, do experimentando diariamente nas experiências de economia solidária. Dinâmicas e métodos criados e resignificados, como o “terreiro da memória”, as cartografias, entre outros, possibilitaram a construção e sistematização coletiva de conhecimentos na economia solidária.

A análise dessas experiências possibilitou resignificar a amplitude da educação e como ela tece fios que se entrelaçam com todos os campos da atividade humana, podendo estar a serviço de um projeto de emancipação humana ou de dominação e de manutenção de uma sociedade de classes, ressalta a importância de se pensar uma educação que se articule com o projeto de transformação da sociedade capitalista.

O sentido da mudança educacional radical não pode ser senão o rasgar da camisa-de-força da lógica incorrigível do sistema; perseguir de modo planejado e consistente uma estratégia de rompimento do controle exercido pelo capital, com todos os meios disponíveis, bem como com todos os meios ainda a ser inventados e que tenham o mesmo espírito (MÈSZÁROS, 2008, p. 35)

E a educação popular tem esse potencial, como nos lembra Paulo Freire (1992), de libertar a palavra, e essas experiências revelam isso.

Conclusão

Ao discutir a economia solidária e sua relação com a educação, a partir de um referencial marxista e de duas experiências de educação em economia solidária, pretendeu-se apreender o significado dessas experiências na construção e sistematização de processos educativos que

Trabalho vinculado ao Grupo de Pesquisa Cultura Científica e Produção de Conhecimentos Educacionais do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão - UFMA.

valorizem, visibilizem e dê uma certa concretude às possibilidades de uma educação para uma economia da solidariedade.

Historicamente, à educação é dada a função de capacitar as pessoas para o exercício da cidadania, reflexo de uma sociedade democrática. No entanto, numa sociedade marcada por profundas desigualdades, essa educação, também historicamente, é pensada e implementada a partir de um polo único de poder como uma das formas de garantir os meios de reprodução do sistema vigente. Portanto, a natureza das decisões políticas que caracterizam a escola está ligada aos interesses da classe dominante. Assim, a educação e os sistemas educativos têm sido organizados para legitimar e naturalizar a ordem social e cultural que mantém o sistema de privilégios e a reprodução do capital.

As experiências analisadas demonstram outros processos de educação que se desenvolvem e que, ao dialogarem com os sistemas formais de educação, ampliam as possibilidades de vincular o fazer educativo da escola ao crescente movimento de valorização de outras formas possíveis de organização e reprodução da vida.

Referências

BRASIL. **Documento Final da Conferência Temática de Economia Solidária, Educação e Autogestão.** Brasília (DF), 2014.

FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. **Documento Final da V Plenária Nacional da Economia Solidária.** Brasília (DF), 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 21 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GAIGER, L.I.(org). **Sentidos e experiências de economia solidária no Brasil.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

MÉSZAROS, István. **A educação para além do capital.** Trad. Education beyond capital. São Paulo: Boitempo, 2008.

MORAIS, Crislene R. da Silva; LIMA, Lenilde M. R. (orgs.) **Educação de Jovens e Adultos e Economia Solidária.** Fortaleza, CE: RDS Editora, 2015.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

Trabalho vinculado ao Grupo de Pesquisa Cultura Científica e Produção de Conhecimentos Educacionais do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão - UFMA.